

Matar um jaguar: a natureza na cultura Guarani através do discurso missionário

Killing a jaguar: the view of nature in the Guarani culture through the missionary discourse

Jean Baptista¹
jeantb@hotmail.com

Resumo. O presente estudo tem por objetivo refletir sobre a relação entre missionários, reduzidos e natureza durante o processo de instalação das reduções no antigo Paraguai. Para tal, explora-se em primeiro lugar a percepção missionária sobre a natureza, especialmente os usos desta na catequese. Em seguida, através de uma tentativa de aproximação etno-histórica, avalia-se a percepção indígena sobre o mundo natural, especialmente no que se refere à onça (jaguar). Paralelamente, discute-se a relação de poder estabelecida entre missionários e reduzidos, sobretudo os métodos experimentados pelos pretensos evangelizadores e as possíveis aceitações provindas da sociedade reducional.

Palavras-chave: etno-história, discurso missionário, reduções jesuíticas.

Abstract. This article reflects on the relation between missionaries, reduced Indians and nature during the process of installation of the Jesuit reductions in old Paraguay. First it explores the missionaries' perception of nature, especially the uses of nature in catechesis. Then, through an ethno-historical approach, it assesses the perception of the natural world by the indigenous people, particularly in relation to the ounce (jaguar). In parallel to that, it discusses the power relationship established between missionaries and reduced Indians, mainly between the methods used by the evangelizers and their possible acceptance by the Reduction's society.

Key words: etno-history, missionary discourse, jesuit reductions.

¹ Professor da
Universidade de Caxias
do Sul e doutorando do
PPGH da PUCRS.

Queixas, muitas queixas é o que se encontra quando se busca o discurso dos missionários durante a colônia, sobretudo no que se refere à natureza. Cercados por mosquitos, pulgas, tigres, ratos – sem falar nos eventuais monstros –, os europeus tiveram a certeza de penetrarem em um lugar que não os queria. A natureza edênica, sabe-se, foi sendo relativamente devorada pela experiência, fazendo surgir um discurso detrativo perante fauna, flora e

gente da Província do Paraguai. Ao lado disso, a percepção indígena (no caso, Guarani) sobre essa natureza passou a sofrer um embate, produzindo ou reforçando percepções. Em verdade, trata-se do *contato entre as diferenças*, onde culturas ora se “intercalam”, ora se “imobilizam” ou se “petrificam”, conforme Theodoro (1992, p. 15). Mas, de fato, como se refletem tais percepções de natureza na atuação dos missionários e nas pautas culturais dos Guarani? Como

encontrar o uso que se fez da natureza para a conversão a partir desses relatos? E, sobretudo, como aquelas comunidades responderam a essas tentativas de conversão? De que maneira o missionário valeu-se da natureza hostil da antiga Província do Paraguai, natureza essa tão valorizada por povos de percepções animistas que ali viviam?

Para responder a tais questionamentos, vamos explorar, primeiramente, a selva e seus perigos no discurso do missionário. Em seguida, numa aproximação etno-histórica, tentar encontrar alguma relação entre as informações deixadas pelo missionário e aquelas tipicamente Guarani quanto à figura do jaguar, dado os símbolos que esse animal era capaz de evocar naquele momento, a fim de localizar alguns aspectos que evidenciem a relação Guarani-natureza.

Um modelo do discurso ocidental

Quem explora a documentação deixada pelos missionários acostuma-se com a estranha “repetição” de determinadas “fórmulas” dos casos de edificação, os chamados “modelos de discursos” (Santos, 2003, p. 41). Cartas escritas por vários jesuítas (de épocas distintas ou não) compartilham elementos por vezes idênticos ao narrar alguma morte, algum sucesso, alguma aparição espiritual. Num primeiro olhar, a impressão que se tem é que os missionários possuem um único conjunto de explicações para seus casos de edificação, girando em torno da lógica “pecado-castigo-conversão”. Nos eventos que se referem à natureza no vasto campo temático dos casos de edificação, a identificação dessa monolítica lógica explicativa torna-se ainda mais clara. Dentre os “modelos de discursos”, se destacam três tipos explicativos dos casos de edificação, orientados pelas concepções ocidentais de natureza.

Primeiramente, há casos onde infelizes resistentes, não ouvindo as ameaças do jesuíta, insistem em continuar com sua vida pecadora, participando de alguma *borrachera* pela manhã, antes da caça, por exemplo. Ao embrenhar-se na mata, tem-se por certo que seu destino está selado: morre com um relâmpago na cabeça, picado por alguma cobra ou, ainda pior, devorado por algum jaguar. Ora, sabe-se que um dos maiores esforços do missionário era tentar manter os reduzidos no interior da redução, evitando as investidas para as matas, onde estariam longe de sua visão, desvirtuando tudo o que ele tanto tentava ensinar (daí que a caça seja tão malvista pelo missionário). Dessa maneira, convencê-los de que a redução estaria cercada de criaturas nefastas e mortíferas seria – julga ele – uma excelente saída. Correspondendo, portanto, às necessidades da catequese, esse gênero de caso de edificação punitivo serve para

condenar os que até então não aceitaram as *boas novas*.

Uma segunda modalidade residiria na possibilidade de que esse mesmo pecador, ao desobedecer as prédicas do missionário, receba o castigo (a picada de cobra, o raio, o ataque de tigre...) e através dele se redima, “abrindo os olhos para a verdade”, podendo morrer ou não após o batismo. É a experiência de resignação perante o castigo, medida bastante prezada pelo cristianismo em tempos de modernidade.

Uma das variantes dessa possibilidade, constituindo-se em uma terceira forma de modelo discursivo, são os casos onde indivíduos assistem ou ficam sabendo do castigo de outros, convertendo-se em seguida. Esses modelos valorizam a experiência do testemunho, entendida como experiência religiosa fundamental e reveladora da conversão para os cristãos.

São três as formas de conceber as vias da conversão como experiência no mundo, portanto: morte, resignação e testemunho. Três formas de perceber a relação da natureza, homens e divindade tipicamente ocidentais. Identificados esses modelos de discursos, tem-se elaborado um primeiro filtro sobre o discurso missionário. Estamos perante o que é *tipicamente ocidental*, o que é a forma do Ocidente expressar suas concepções. São os valores internos do texto, os vícios geradores de modelos de discurso pelos quais os autores estão condicionados culturalmente a entender a realidade que os cerca.

Capacitados para discernir o que é ocidental dentro dos discursos selecionados, temos a possibilidade de identificar elementos que fujam daquela cultura, ou que provoquem “lapsos no discurso”, como definiu Michel de Certeau ao se referir aos “instantes” que fogem da ordem tradicional do discurso ocidental (1982, p. 16). É aí que os registros deixam transparecer determinadas informações riquíssimas para a etno-história. É onde residem o indígena, sua cultura e a sua forma de reagir naquele determinado período. O “lapso”, assim, é a “confissão” do indígena permanentemente silenciado.

Matar o jaguar: uma aproximação etno-histórica

O alvo é geral: um grande jaguar, como tantos outros vinham fazendo, arranca uma criança da rede onde dormia, matando-a a poucos passos de sua mãe. Para resolver o problema, o jesuíta decide pôr uma armadilha nas proximidades, onde, por graças do senhor Deus, ele acaba caindo. Espontaneamente, os reduzidos recolhem o animal morto, levam-no para a frente da igreja (a praça central), retirando seu couro e dando a carne para os cães. Atônito –

pois o missionário julga toda a encenação um horror – o jesuíta vangloria-se: “Con esto nos ha hecho nro. Sr. [...] que hemos cobrado fama de matadores de Tigres”, fazendo com que os nativos recorram aos missionários toda vez que um jaguar os ataque. A cada morte de jaguar, os jesuítas passam a angariar um maior número de seguidores: “Les ha quedado un miedo tan grande a todos que les parece que todo esta lleno de Tigres de manera que ya no se atreven a estar en sus taperas y assi con grande priessa van viniendo todos...” (Vianna, 1952, p. 67). Para se ter uma idéia da eficácia da morte de um jaguar, em um único caso o jesuíta garante ter angariado quatro caciques com suas famílias após lhes atender o pedido de dar fim aos ataques da fera. E como instrumento eficaz na catequese, outro missionário pôs o animal empalhado no interior da igreja, “para escarmiento de la posteridad” (DHA, p. 694).

Mas deixando um pouco o caso explorado, a fim de encontrar maiores esclarecimentos, voltemos a atenção para a caça ao jaguar registrada na literatura antropológica. Muitos cuidados devem ser tomados para se penetrar na selva para as sociedades que convivem de forma tão próxima com a natureza, como os Guarani. Para começar, não se aconselha partir para a caça sem estabelecer determinados diálogos com a natureza. Deve-se falar com os espíritos, identificar quais são seus desejos naquele período. Há uma série de tabus alimentares, por vezes obedecendo a calendários excêntricos, que devem ser respeitados. Caso esses princípios não sejam bem estabelecidos pelo caçador ou mero passante na selva, tudo de ruim pode acontecer. Mas tudo mesmo.

Encontrar uma víbora, por exemplo, como já vimos, ou, algo ainda mais terrível, um jaguar. Para se ter uma idéia do que uma onça possa significar para um Guarani, basta dar uma olhada na sua forma lingüística: o prefixo *jagua* (de coisa feia, horrível, horrorosa) e o sufixo *eté* (que serve para afirmar algo, como um aval, sinônimo de verdade) combinados querem dizer alguma coisa como “coisa horrível de verdade” ou “criatura realmente horrorosa”. É o contrário do olhar romântico ou edênico que a figura de uma onça possa nos provocar atualmente. Ao que indicam essas observações, *jagueté*, para os Guarani estudados, deve ser uma das coisas mais horrorosas que pode haver na experiência de estar na selva, mas não só. É uma experiência terrível porque os jaguares (ou os seus representantes sobrenaturais diretos) podem devorar a lua (eclipses), estar hospedados na alma de um xamã inimigo ou, num plano ainda mais metafísico, ser gigantes, azuis, sempre prontos para devorar toda a humanidade (Melià, 1991, p. 53-56).

Por isso, matar um jaguar relaciona-se com o processo de abandono da infância. Aliás, esta foi a primeira missão que os heróis culturais (os eventualmente gêmeos *Kuaray*, o sol, e *Jacy*, a lua) tiveram no mundo que se preparavam para humanizar, deixando-o habitável para

seus descendentes. Só que isso implicava eliminar aqueles com quem viveram até então como irmãos, com quem aprenderam a farejar, caçar e sobreviver na floresta como pequenos jaguares, só que por longos anos de paz e harmonia. O detalhe é que durante toda essa infância idílica os gêmeos não sabiam que aqueles que tinham por família (a Avó-Jaguar e seus descendentes) haviam matado sua mãe quando esta ainda estava grávida dos dois. É somente quando uma arara (uma espécie de sabeduto da floresta) lhes revela o ocorrido que os irmãos se dão conta do equívoco. Com isso, decidem se vingar pela mãe, e tem-se decretada a eterna inimizade entre homens e jaguares na terra (Cadogan, 1992, p. 119-136). *Grosso modo*, podemos dizer que entre os Guarani é freqüente a percepção de que matar um jaguar é comprovar que não se é mais uma criança (uma das opções que um jovem tem para passar à categoria de adulto é caçá-lo), além de servir para adquirir ou dar sustentação a uma liderança (social ou espiritual). Matar um jaguar significa adquirir e comprovar poder.

Vamos voltar ao caso: o couro do jaguar retirado e estendido em frente à igreja, a carne jogada para os cães, o jesuíta espantado, ao mesmo tempo que se vangloria de ganhar a fama de “caçador de tigre” e grupos se reduzindo após o feito. Estão presentes as duas esferas que vêm a dar eficácia a uma situação mágica: de um lado, o jesuíta, crente em seus poderes (no caso, a técnica de construir armadilhas e de se comunicar com suas divindades, pedindo que entregassem o jaguar); de outro, o povo, assustado e ansioso para ter um problema resolvido, para atribuir a alguém que mate jaguares, os poderes de liderança. É como se esclarece em um outro episódio bastante semelhante: “a corrido la fama entre los Indios que somos matadores de Tigres [esto entre ellos es de grandisima estima por los grandes daños que reciben continuamente destas fieras” (DHA, p. 289). Com essa e outras informações (pois o jesuíta há muito vinha tentando conquista-los com outras técnicas), o *consensus* geral passa a identificar no padre capacidade de liderança, a reconhecê-lo como tal (Strauss, 1989, p. 194). Trata-se do *karaí*, desestabilizador da ordem existente e ordenador de uma nova ordem, em seu pleno “exercício da chefia” (Fausto, 1992, p. 387). É claro que nem todos os jesuítas precisaram matar jaguares para assumir a liderança ou desfrutaram da mesma fama daqueles de Iguazu (redução onde se deu a maioria dos casos). A composição do poder depende de uma gama vasta de fatores, mas em boa parte “do evento, da circunstância, dos caprichos do acontecimento”, como quer Carlos Fausto, situações estas possivelmente criadas pelo corpo social a fim de testar os pretensos líderes (1992, p. 387). Todavia, são experiências movidas pela ressignificação constante, como explica Deckmann Fleck, onde “os Guarani encontraram um

espaço privilegiado para continuarem sendo Guarani”, ao mesmo tempo que desenvolviam uma nova sensibilidade perante as informações trazidas pelos missionários. Por outro lado, de maneira alguma inatingível, o jesuíta também é levado pelo jogo do encontro cultural, alterando sua forma de representar a vivência (pois não se torna um “matador de jaguar”?). A partir desse encontro, permite-se a “construção de uma sensibilidade religiosa própria, resultante da apropriação seletiva e criativa de expressões da cultura indígena guarani e da cultura cristã-ocidental representada pelos jesuítas” (Fleck, 1999, p. 334-335). Especificamente para o evento estudado, para alguém que quer ser líder – no caso, o jesuíta –, nada melhor do que ter alguns jaguares mortos em seu histórico. Para quem acha que um líder deve matar jaguares, nada melhor do que segui-lo depois de realizado tal feito.

O outro lado do perigo: a falta da sabedoria

O jaguar é o poder da liderança, portanto, pois está vinculado com o que há de mais horrível no mundo, até mesmo com o seu fim, sendo um grande inimigo da humanidade, como já foi demonstrado. Perante tal poder o homem não possuiria nenhuma saída. Seria facilmente sufocado, e o simples ato de investir contra a selva, mesmo que com as *borracheras* necessárias, seria impraticável. Mas não é bem assim. Uma estrutura contrária, uma percepção às avessas, leva-nos a perceber a peculiaridade que tal criatura ocupa na ordem universal Guarani. A maldição que *Kuaray* lançara sobre a única fêmea sobrevivente (prenha de um filhote macho com quem fornicaria e daria continuidade à existência dos seus), algo como “você e seus descendentes sempre serão horrorosos e estúpidos” (Cadogan, 1991, p. 217), ameniza o terror de sua imagem. Ao ser declarado desprovido de conhecimento, ele passa a ser um animal dotado de todos os poderes para sobreviver na selva (caça, sobretudo), mas não o é pela inteligência. A falta de sabedoria – logo a sabedoria, que está na essência do homem e possibilita sua evolução para os Guarani – faz com que o jaguar seja criatura facilmente enganável. Não é à toa que alguns contos infantis coletados por Cadogan apresentam um jaguar estúpido, que, mesmo com toda a sua força, é vencido pelo gambá ou pelo tamanduá, criaturas frágeis da floresta, mas não tão estúpidas.

Bom exemplo dessa comprovação de animalidade (e, portanto, de superioridade humana) é a forma como é

possível a defesa frente ao animal: “Descobriram os nativos que este bicho foge da urina humana como da morte”, conta Montoya. Como se tivesse escutado algum mito de origem, ele registra: “Certa vez surgiu um tigre a um índio pelo mato, perto do meu alojamento, e, ainda que o perseguido gritasse por socorro, não o pude ouvir. Trepou então numa árvore e, por sua vez, o tigre se deitou ao pé dela, esperando que a presa descesse de lá. Para espantá-lo, atirava-lhe nosso índio ramos de árvores, mas o tigre nem sequer se mexia. Passou então a usar daquele ‘remédio’ tão fácil: com o que o tigre mal cheirara a urina, já se foi embora” (Montoya, 1985, p. 27). “Coisa horrível mesmo” não há dúvida que o jaguar venha a ser; mas desgraçadamente está desprovido da inteligência e esperteza que há nos homens e em alguns outros animais. O jaguar, assim, está reduzido à força bruta simplesmente, relativizando a sua soberania na floresta, e tornando possível a coexistência (o domínio do mundo) entre jaguares e humanos.

Referências

- CADOGAN, L. 1992. *Ayvu Rapyta*. Asunción, CEADUC-CEPAG.
- CARTA ANUA DA REDUÇÃO DE SANTA MARIA DO IGUAÇU. 1627. In: H. VIANNA. 1952. *Jesuítas e bandeirantes no Uruguai*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional.
- CERTEAU, M. 1982. *A escrita da História*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- CHAMORRO, G. 1998. *A espiritualidade Guarani. Uma teologia ameríndia da palavra*. São Leopoldo, Sinodal.
- DÉCIMA CUARTA CARTA ANUA EN DONDE SE RELACIONA TODO LO ACAECIDO EN LOS AÑOS DE 1635-1637. In: *Documentos para História Argentina (DHA)*. Tomo XX. Buenos Aires.
- FAUSTO, C. 1992. Fragmentos de história e cultura Tupinambá. In: M.C. CUNHA, *História dos índios no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras.
- MELIÁ, B. 1991. *El guarani: experiencia religiosa*. Asunción, CEPAG.
- FLECK, E.C.D. 1999. *Sentir, adoecer e morrer: sensibilidade e devoção no discurso missionário jesuítico do século XVII*. Proto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS.
- MONTOYA, A.R. de. 1985. *A conquista espiritual*. Porto Alegre, Martins Livreiro.
- SANTOS, M.C. dos. 2003. Abordagens da etno-história: modelos de discursos sobre a inconstância da alma dos brasis. *Habitus*, 1.
- LÉVI STRAUSS, C. 1989. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- THEODORO, J. 1992. *América barroca*. Rio de Janeiro, EDUSP/Nova Fronteira.
- VIANNA, H. 1952. *Jesuítas e bandeirantes no Uruguai*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional.